

O SISTEMA DE CONCEITOS DE HALLIG E WARTBURG APLICADO À DEFINIÇÃO LEXICOGRÁFICA

CIOTILDE DE ALMEIDA AZEVEDO MURAKAWA
(Faculdade de Ciências e Letras-UNESP-Araraquara-Brasil)

Quando em 1.996, concluímos a pesquisa “Mudanças semânticas no Vocabulário do Português Fundamental”, tínhamos organizado um *corpus* de referência constituído de 2.700 unidades, assim distribuídas: 1.727 substantivos, 440 adjetivos e 533 verbos. Para esta pesquisa, cujo objetivo foi verificar os tipos de mudanças semânticas que ocorreram num período de 150 anos de aproximadamente, tivemos que consultar todas as unidades nos dicionários da língua portuguesa, obedecendo a ordem cronológica seguinte:

- 1) *Dicionário da Língua Portuguesa* de António de Moraes Silva, edição de 1.813;
- 2) *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa* de Frei Domingos Vieira, edição de 1.871/1.874;
- 3) *Dicionário da Língua Portuguesa* de Antenor Nascentes edição de 1.961/1.967;
- 4) *Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira edição informatizada de 1.995.

Durante a consulta aos dicionários, tivemos que estar em contacto com as definições dadas, onde observamos que ao longo do tempo a definição possuía um conteúdo semântico que permanecia invariável e outro conteúdo que sofria mudança de época para época. Tal observação se deveu ao fato de termos tido de consultar a mesma unidade lexical nos 4 dicionários de autores e épocas diferentes. Diante disso, levantamos a hipótese de que em toda definição lexicográfica há sempre um conteúdo semântico que permanece invariável e outro que sofre mudança ao longo do tempo. Com esta hipótese, iniciamos uma

nova pesquisa e nesta comunicação apresentamos parte dos resultados obtidos e os pressupostos teóricos em que nos baseamos para estudar os dados recolhidos.

Antes de passarmos à parte principal de nossa comunicação, devemos ressaltar que à relação de dicionários acima mencionada, acrescentamos o *Vocabulário Português-Latino* do Pe. Raphael Bluteau (1.712/1.721), onde consultamos os 1.717 substantivos extraídos do corpus para nossa pesquisa. Ampliamos nossa consulta ao Bluteau por ser o seu *Vocabulário* a 1ª obra lexicográfica portuguesa a se utilizar de um *corpus* de referência para organizar a nomenclatura e que poderia, ao lado da informação latina oferecida, fornecer outros conteúdos semânticos interessantes. Com ela retrocedemos no tempo em 100 anos.

Depois desta parte introdutória, passemos ao relato da pesquisa.

Em 1.952, saiu publicado pela Akademie Verlag de Berlim, o Sistema de Conceitos (SC), "Begriffssystem", elaborado por Rudolf Hallig e Walther von Wartburg que, como diz o título do livro, é um "sistema para servir de base à Lexicografia". Os autores publicaram uma classificação conceptual do universo, adotando um ponto de vista onomasiológico, isto é, partindo das noções e não das palavras.

Hallig e Wartburg ao elaborarem tal Sistema de Conceitos propuseram uma nova ordem, que não fosse a alfabética, para a elaboração de um dicionário científico. O SC, como pretendiam, seria calcado sobre o estado de língua contemporânea. O esquema proposto é uma construção *a priori* e é apenas uma das classificações possíveis do mundo dos conceitos.

Com as inúmeras pesquisas feitas durante a elaboração do *Dictionnaire étymologique du français*, considerado a obra mais completa sobre o vocabulário galo-romano, Wartburg teve a confirmação daquilo que vinha supondo há longo tempo: o vocabulário de uma língua é um todo organizado. Suas idéias encontraram sustentação em dois princípios da teoria da linguagem de Humboldt, que influenciaram a lingüística do século XX: 1) o princípio de que a língua não serve apenas à expressão e à comunicação, mas que ela cria um mundo espiritual intermediário que se insere entre o EU e o mundo exterior, uma "imagem do mundo" que é transmitida a cada representante de uma comunidade lingüística pelo ensino e é confirmada pelo emprego constante que o falante faz da língua; 2) o princípio da articulação, retomado por Saussure, segundo o qual todos os meios de expressão de uma língua formam um conjunto, um sistema no qual cada parte faz corpo com as outras e está condicionado por elas.

No domínio do vocabulário, a ordem alfabética é um obstáculo à realização desses dois princípios: a imagem do mundo é base da língua e o sistema desta língua.

A idéia de organizar um vocabulário não usando a tradicional ordem alfabética não é nova. Os trabalhos de F. Dorneseiff, J. Casares, Charles Maquet

foram importantes para que Hallig e Wartburg elaborassem o seu Sistema de Conceitos.

A proposta apresentada por eles para que o sistema de classificação tivesse um valor geral e aplicável às outras línguas e não apenas ao francês, deveria obedecer algumas etapas: 1) classificação apenas dos conceitos. O vocabulário de uma determinada língua deveria estar subordinado ao momento de utilização do sistema; 2) os conceitos deveriam ser os existentes na língua antes da introdução da ciência, ou seja, como as coisas são concebidas e expressas fora das ciências; 3) admite-se no sistema uma seleção de conceitos; 4) os conceitos escolhidos são classificados segundo uma visão de conjunto, um princípio diretor e a classificação deveria ser de tal forma que o todo constituísse um conjunto organizado. Como os conceitos provêm do uso da língua fora da ciência, tem-se, graças a eles, depois de classificados, uma imagem do mundo que a língua reflete.

Hallig e Wartburg partiram da palavra, constituída de duas partes inseparáveis, conforme estabeleceu Saussure: conceito e imagem acústica e voltaram a sua atenção apenas para o conceito, dando a ele o valor de significação.

No SC fica determinado que o conceito lógico geral tem relação com a significação geral. As significações são flutuantes, nem sempre claramente delimitadas e possuem uma zona de variação; têm sua coloração e são determinadas pelo ato de pensamento, pelo ato de fala, pela maneira como são empregadas. Por isso, o conceito lógico é geral e é primário. A significação, por sua vez, pode ter significações ocasionais que decorrem de atos individuais do falante, e estas significações são secundárias com relação à significação geral. O conceito tem, assim, uma orientação para a generalidade e fixidez. É uma unidade de pensamento construída por abstração a partir de propriedades atribuídas a um objeto ou a uma classe de objeto. Ele reúne uma classe de elementos que tem características comuns e apresenta características de abstração e generalização.

Assim definidos no SC, significação e conceito se distinguem um do outro por alguns pontos: a significação é móvel, o conceito, uma vez adquirido pela nossa consciência não muda. Onde quer que apareça, apresenta-se sempre o mesmo, não dando lugar a um novo conceito. Por outro lado, a significação é viva e não pode ser senão parafraseada. O conceito conhecido pode ser em princípio, a definição.

Foi neste ponto que o SC chamou a nossa atenção. Elaborado com o objetivo de servir de orientação para a Lexicografia, vimos nele a possibilidade de classificar as unidades lexicais substantivo de nosso *corpus*, de acordo com a definição dada a elas em dicionários da língua portuguesa de diferentes autores e épocas.

Sobre a definição lexicográfica, buscamos apoio teórico nos trabalhos dos lexicólogos/ lexicógrafos de linha francesa.

A definição em dicionários de língua tem sempre se constituído numa preocupação não só para aqueles que elaboram dicionários, mas também para aqueles que os analisam. A clássica análise aristotélica do conceito do definido pelo "género próximo" e a "diferença específica" tem sido de grande utilidade para os lexicógrafos.

A definição lingüística é sempre uma definição de palavras; ela pretende apenas traduzir o que, sobre um objeto dado, a palavra sugere ao espírito num dado momento. Para P. Imbs (1.961,2: 10): "...a palavra está, portanto, sempre em referência a um objeto, mas ela não é objetiva; ela é apenas uma visão sócio-subjetiva sobre um objeto; feita desta maneira, falando a palavra ou a escrevendo, tem-se de uma vez, a sensação de que é de um objeto e não de outro que está se tratando".

Aquele que elabora uma definição propõe uma equação sêmica com o objetivo de que a unidade lexical seja inteira e exclusivamente evocada. O sistema semio-cultural do falante/ouvinte tem grande importância para a evocação do conceito. A definição classifica e menciona o traço sêmico pertinente ao definido, depois de descartar todos os outros traços que pertencem à mesma classe, mas que não interessam a cada caso.

Segundo A. Rey (1.965, I: 79): "O programa da definição se reduz para a prática lexicográfica em fazer corresponder a uma unidade supostamente conhecida ou mal conhecida, uma pluralidade de unidades pertencentes ao mesmo sistema lingüístico, organizadas segundo as estruturas sintagmáticas deste sistema e que supõe: 1) capaz de remeter ao mesmo significado; 2) capaz de determinar para o falante ou ouvinte a elaboração conceitual deste significado".

De acordo com a lexicóloga/ lexicógrafa francesa J. Rey-Debove é importante estabelecer a natureza da definição:

1) A definição é da língua e está submetida às regras da língua; deve haver entre a definição e a unidade lexical um isomorfismo, e neste aspecto ela se distingue da análise semântica dos semanticistas feita de traços semânticos. A definição não deve ser entendida ou sentida como uma análise semântica, mas como uma mensagem.

Se a definição pretende dar ao consulente do dicionário instrução e informação sobre o uso e compreensão das unidades lexicais, não há dúvida de que a definição do conteúdo de tais unidades representa uma comunicação no plano metalingüístico.

2) O 2º ponto quanto à natureza da definição é que ela é da metalingua; é um estudo através da língua. Assim "o código da definição é uma metalingua que restitui em língua uma análise conceitual do conceito evocado pelo definido" (Rey-Debove, 1.967- 5:142). A definição se aplica à língua natural apresentando aspectos do signifiante e significado. Por "superfície plana limitada por uma circunferência", sabe-se que esta definição se aplica ao signifiante-significado

círculo. Já em círculo: "nome masculino", ou ainda, círculo: "palavra de 3 sílabas", não há definição, porque se aplica apenas ao significante. Só há definição se há análise conceitual.

Com alguns dos pressupostos teóricos acima, buscamos verificar como as definições são operacionalizadas nos dicionários e que mudança sofrem através do tempo. Observamos que toda definição está constituída de um conteúdo semântico básico invariável e de um outro que pode ou não sofrer variação. Assim, partindo do pressuposto de que a parte invariável está ligada ao conceito, classificamos as unidades do *corpus* de acordo com o SC de Hallig e Wartburg.

Como o SC está dividido em 3 categorias, a saber: A- O UNIVERSO; B- O HOMEM; e C- O HOMEM E O UNIVERSO e como a nossa pesquisa ainda não chegou ao final, escolhemos para esta sessão apresentar apenas os resultados obtidos com os substantivos classificados na primeira parte- O UNIVERSO-, num total de 216 unidades. Estas unidades foram classificadas em categorias quais sejam: I- O céu e a atmosfera: 26 unidades; II- A terra: 31 unidades; III- As plantas: 93 unidades; e IV- Os animais: 66 unidades. Cada um desses 4 grupos apresenta outros conceitos que encabeçam subdivisões, sempre estabelecendo uma relação entre os conceitos. Por exemplo: unidades classificadas em I - O céu e a atmosfera, como: céu, lua, sol, mundo, estrela, etc., estão relacionados a "O céu e os corpos celestes"; e unidades como: clima, tempo, trovão, vento, calor, chuva, etc., estão relacionados a "O tempo e os ventos"; e assim por diante. Com este procedimento todo o SC está organizado.

Selecionamos, a seguir, algumas definições contidas nos dicionários analisados e classificadas as unidades em O UNIVERSO. Devemos, neste ponto, salientar que consideramos sempre a 1ª definição dada em cada dicionário para fins de nossa classificação.

CÉU

Bluteau- Na sua mais ampla significação compreende esta palavra todos os corpos celestes que hoje segundo a mais comum opinião são 12.

Morais- A região etérea.

Vieira- Espaço que vemos em forma de abóbada estendendo por cima de nossas cabeças e circunscrito pelo horizonte.

Nascentes- Espaço ilimitado sobre a terra.

Aurélio- Espaço ilimitado e indefinido onde se movem os astros.

SC- I- O céu e a atmosfera/ O céu e os corpos celestes.

CHUVEIRO

Bluteau- Chuva grande e impetuosa que de ordinário vem com trovoadas e dura pouco.

Morais- Grande pancada de chuva.

Vieira- Chuva fortíssima que dura pouco.

Nascentes- Chuva grossa passageira.

Aurélio- Chuva repentina e abundante, mas passageira.

SC- I - O céu e a atmosfera/ O tempo e os ventos.

MONTE

Bluteau- Terra ou penedia muito mais alta que o nível ordinário da terra.

Morais- Porção ou parte da terra notavelmente levantada.

Vieira- Grande massa de terra elevada acima do terreno que a cerca.

Nascentes- Massa grande de terra elevada acima do terreno.

Aurélio- Elevação notável de terra acima do solo que a cerca.

SC- II - A terra/ A configuração e o aspecto.

RIO

Bluteau- Rio é corrente caudalosa de muitas águas juntas que vão desembocar no mar.

Morais- Água corrente por entre margens, em grande cópia.

Vieira- Fragua, corrente por entre margens, em grande cópia.

Nascentes- Corrente de água mais ou menos caudalosa e extensa a qual desemboca em outro rio, no mar, lago ou lagoa.

Aurélio- Curso de água natural, de extensão mais ou menos variável que se desloca de um nível mais alto para outro mais baixo.

SC- II - A terra/ As águas.

SEMENTE

Bluteau- É o grão, ou pequeno corpo coberto com suas túnicas que a planta produz depois da flor e que deitado na terra produz outra planta da mesma espécie.

Morais- O grão de que se desenvolve e abrolha a planta na terra.

Vieira- Corpo vegetal produzido pela germinação que depois de fecundada se desenvolve.

Nascentes- Parte do fruto própria para reprodução vegetal.

Aurélio- Estrutura de fanerógamos que conduz o embrião.

SC- III - As plantas/ A vida vegetal.

FIGO

Bluteau- Fruto da figueira, do tamanho e quase da figura de uma pera meã.

Morais- Fruto amendoado com feição de funil com que se vem adelgaçando até o pezinho.

Vieira- Fruto da figueira de polpa mole e açucarada.

Nascentes- Receptáculo carnudo de flores da figueira.

Aurélio- Infrutescência do tipo sicônio, produzido pela figueira.

SC - III- As plantas/ As árvores frutíferas.

POMBO

Bluteau- Ave doméstica conhecida, querida de todas as nações porque é branda, nobre e rendosa aos que a criam.

Morais- Ave doméstica vulgar.

Vieira- Ave doméstica vulgar.

Nascentes- Nome comum as aves Columbiformes da família colúmbida.

Aurélio- O macho da pomba.

SC- IV - Os animais/ As aves/ Os pássaros de pátio e galinheiro.

POLVO

Bluteau- Marisco da feição da ciba.

Morais- Peixe de muitas pernas com umas excrescências.

Vieira- Peixe de muitas pernas com umas excrescências redondas.

Nascentes- Molusco da família Octópidas.

Aurélio- Designação comum aos moluscos cefalópodes, octópodes caracterizados por 8 tentáculos.

SC - IV- Os animais/ Os moluscos.

BOI

Bluteau- Animal quadrúpede, cornífero. É o touro capado, para engordar e servir no arado.

Morais- Macho da espécie vacum.

Vieira- Touro castrado, servindo principalmente ao trabalho dos campos e à alimentação do homem.

Nascentes- Touro castrado destinado aos serviços de lavoura ou de carga ou à alimentação do homem.

Aurélio- Animal mamífero, artiodáctilo, ruminante da família bovídeos, pertencente ao gênero *Bos*.

SC - IV- Os animais/ Os animais domésticos.

GALO-

Bluteau- O macho da galinha. Doméstico anunciador do Sol. É orgulhoso, petulante, atrevido e brigão. Passeia com arrogância, arqueando a cauda e sempre grave e sossegado, posto que nunca sem espora. Com nobre simpatia, muitas vezes põe os olhos no Céu. Tem barbas pendentes, mas de cor de sangue e pronto para guerrear, sempre traz elmo na cabeça. Os seus jogos são batalhas; com seus êmulos joga as cristas e ainda que perca não perde o brio; vencido se cala; vencedor, canta, sonoro pregoeiro da sua vitória, e vivo clarim da sua fama. Sempre altivo, não reconhece superior, e na volátil família, sempre impera. Deita-se com o sol, e com saudades dele,

não dorme quieto; na maior tranqüilidade interrompe o silêncio da noite; enfasiado do interreino das sombras, desperta a Aurora, chama a luz e sem falência profetiza o dia. Como Ave do Sol, tem deste planeta muita viveza e galhardia; canta à meia-noite, porque nesse tempo começa a tornar o Sol para nosso hemisfério, e canta mais ao romper da Alva, porque já tem mais perto o Sol, fomentador luminoso da sua simpatia. Finalmente é o galo o símbolo da vigilância, o apontador das faltas do Príncipe da Igreja e generoso terror do Rei das feras.

Morais- O macho da galinha, ave de pena caseira e bem conhecida.

Vieira- O macho da galinha; ave de crista grande e formato elegante, doméstico e bem conhecido.

Nascentes- Ave da família Fasiânidas (*gallus domesticus*)

Aurélio- Gênero de aves galináceas, de cristas carnudas e asas curtas e largas.

SC- IV - Os animais/ As aves/ Os pássaros de pátio.

ABELHA-

Bluteau- Inseto volante e espécie de mosca grande, armada de um furão, industriosa artífice do mel e da cera.

Morais- Inseto que recolhe o mel das flores.

Vieira- Inseto da família dos himenópteros, pertencente à tribo das melíferas, da 2ª família que tem o nome de antophilas e produzem cera e mel.

Nascentes- Nome comum a todos os insetos himenópteros da família *Apoidea* e especialmente da *Apis mellifica* da família *Apidas*.

Aurélio- Designação comum aos insetos himenópteros da super família *Apoidea* que inclui numerosas espécies de abelhas solitárias, sócias e parasitas.

SC- IV - Os animais/ Os insetos/ Os insetos úteis.

Da análise que fizemos das definições e a considerar os exemplos acima, podemos chegar a algumas conclusões.

As definições dadas apresentam um conteúdo semântico invariável e permitem classificá-las no SC; elas apresentam um conteúdo que sofre mudança de dicionário para dicionário e, portanto, de época para época. Basta verificar os exemplos acima: FIGO, SEMENTE, POMBO e POLVO, onde uma classificação científica é dada como definição nos dicionários do século XX, evidenciando a presença do progresso científico. Em FIGO, os dicionários de Bluteau, Moraes e Vieira registram "fruto da figueira" e mais uma descrição da forma ou sabor da fruta; em Aurélio, encontramos a definição científica, não aparecendo o conceito "fruto", o mesmo acontecendo em Nascentes.

Em SEMENTE, Aurélio novamente registra uma definição científica que não permite chegar ao significado da palavra; já nos outros dicionários encontramos definições, onde a "vida vegetal" aparece lingüisticamente identificada por "grão", "corpo vegetal", "reprodução vegetal".

Em POMBO, apenas Nascentes dá uma definição científica. Interessante, neste exemplo, é a definição de Bluteau que, na sua visão pessoal, mostra o pensamento da época. Mais especial é a definição que Bluteau dá para GALO, onde o seu imaginário dá vida e atitudes humanas à ave. Da definição há que se destacar a informação histórico-religiosa que pode ser resgatada através da última linha da definição. Ao dizer que o galo é "o símbolo da vigiância, o apontador das faltas do Príncipe da Igreja", está se reportando a Pedro que, segundo a Bíblia, negou a Cristo 3 vezes antes que o galo cantasse pela segunda vez. Ao buscarmos a explicação para tal definição, encontramos que a 3ª das 4 vigílias em que estava dividida a noite para os antigos romanos era a do galicínio, da meia-noite às 3h. E daí a expressão Missa do Galo, missa celebrada na passagem da noite do Natal. Também devemos chamar a atenção para a unidade "apontador" que significa "o que marca a assistência ou falta de pessoas obrigadas a algum ofício ou serviço" (Morais). Assim o Príncipe da Igreja, o Papa, é chamado às suas obrigações pelo canto do galo.

No caso de POLVO, vemos a confusão quanto à classificação do molusco que mostra a ausência de um conhecimento científico mais preciso em épocas anteriores. Bluteau, Moraes e Vieira registram "marisco" ou "peixe" como hiperônimos na definição.

Em BOI, Aurélio dá uma definição científica do animal e os demais dicionários registram a função que o animal tem nos trabalhos do campo; o conteúdo semântico "animal", "macho da espécie vacum" é um conteúdo genérico que aparece em Bluteau e Moraes. Em Vieira e Nascentes encontramos "touro castrado". A diferença entre as definições consiste em procedimentos adotados com o animal, quer ele se destine a engorda e a serviços do campo, e daí "touro castrado" ou "capado", quer ele se destine apenas à procriação, e daí "touro" ou o genérico "boi". Somente conhecendo tais procedimentos, pode-se entender as diferenças dadas pelos dicionaristas. Todas as definições registram a função que o animal tem nos trabalhos do campo.

Em ABELHA, o hiperônimo "inseto" está em todas as definições. A partir de Vieira podemos encontrar definições de acordo com a classificação biológica do inseto.

Na unidade CÉU, o conteúdo semântico "espaço" está presente em Vieira, Nascentes e Aurélio. Em Moraes temos "região etérea" e em Bluteau "corpo celeste" Bluteau e Moraes diferem, pois Bluteau dá idéia de concretude, conteúdo semântico não mais existente nas definições.

Com relação a MONTE, conteúdos semânticos como "terra", "porção de terra", e ainda "acima", "terra elevada" estão presentes em todas as definições não havendo mudança.

No conceito / As águas/, classificamos a unidade RIO; o conteúdo "água corrente", "curso d'água", não se alterou ao longo do tempo.

O substantivo CHUVEIRO foi classificado no SC dentro da categoria /O tempo e os ventos/, porque todas as definições são referentes a um tipo de chuva. O significado moderno de "crivo por onde nos banheiros a água canalizada cai" (Nascentes), aparece em sub-entrada em Nascentes e Aurélio.

Neste conjunto A observamos que pouca mudança houve nas definições; as unidades se referem ao mundo extralingüístico, ao mundo físico na sua totalidade. Este mundo físico não sofre alteração e com isso, pouca mudança houve nas definições.

A leitura das definições nos conduziu a um conhecimento do mundo recortado pela língua. O dicionário testemunha, assim, a atitude da comunidade socio-cultural em face da língua.

Para entendermos, muitas vezes, a definição de uma unidade lexical, necessitamos consultar outras definições no mesmo ou em outro dicionário. É enganoso pensarmos que uma unidade que conhecemos atualmente com um determinado significado, tenha, em épocas remotas, o mesmo significado. O significante é o mesmo, um ou mais conteúdos semânticos também, mas a parte da definição que sofre mudança está sujeita à influência de fatores, culturais, históricos, sociais que interferem. Por esta razão, a leitura e análise de definições compreende um exercício de leitura de outras definições, para se entender o que está definido.

Traçar a história dos dicionários através das definições lexicográficas é descrever a evolução científica, técnica e cultural de uma sociedade.

Na visão dos lexicólogos, os dicionários são eterna fonte de estudos lingüísticos, quer tratem da evolução histórica da língua, quer tratem das modificações de atitude da comunidade acerca de sua própria língua. Os dicionários são um espelho no qual o leitor deve se reconhecer como falante e como participante de uma cultura.

Referências bibliográficas

- HALLIG, R. e WARTBURG, W. *Système de concepts pour servir de base à la Lexicographie*. 2ª ed. Berlin: Akademie Verlag, 1983.
- IMBS, P. Au seuil de la lexicographie. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, v.2, p. 3-17, 1.960.
- REY, A. A propos de la definition lexicographique. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, v.VI, p.67-80, 1.965.
- REY-DEBOVE, La définition lexicographique: bases d'une typologie formelle. *Travaux de Littérature*, Paris, v. 5, p. 141-159, 1.967.